

O TODO DA LÍNGUA

CASSEB-GALVÃO, Vânia; NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs.). **O todo da língua: teoria e prática do ensino de português**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. 151p.

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva¹

O todo da língua: teoria e prática do ensino de português, organizado pelas pesquisadoras Vânia Casseb-Galvão e Maria Helena de Moura Neves, foi recentemente publicado pela Parábola Editorial, em 2017. Este livro reúne em sua composição, seis estudos sobre o ensino de português e de gramática indispensáveis à reflexão e à análise linguística no contexto do ensino/aprendizagem da língua no âmbito escolar. Ressalte-se ainda que essas pesquisas foram desenvolvidas por funcionalistas experientes e interessados pelo atual desafio de formar professores/as para atuarem no ensino de língua portuguesa na educação básica brasileira.

O(a)s autore(a)s trazem à tona uma discussão necessária sobre às práticas de ensino/aprendizagem, integrada à constituição da língua, procurando focar, sobretudo nos aspectos formais, funcionais, cognitivos e sociais oriundos dos inúmeros fenômenos gramaticais e discursivos emergidos dos textos, das práticas comunicativas e do próprio funcionamento da língua em sociedade. Resulta de pesquisas especializadas na área dos estudos da linguagem, que se sustentam em princípios do funcionalismo clássico, da linguística funcional centrada no uso (LFCU) e na teoria da tradução audiovisual.

É notório salientar que as organizadoras possuem vasta experiência e produção científica nos campos da pesquisa em descrição e análise linguística, tanto na perspectiva da gramática funcional e da gramática das construções, quanto na própria história da gramática. De um lado, temos Casseb-Galvão, que é professora da UFG com doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP; de outro, Moura Neves, que é professora emérita da UNESP, docente da Mackenzie e doutora em Letras Clássicas pela USP, atuando também como livre-docente (língua portuguesa) da UNESP.

As duas pesquisadoras salientam na *apresentação*, que esse trabalho sobreveio da urgência em “apresentar e discutir orientações teórico-metodológicas que possam fomentar a

¹ Mestrando pelo Programa Interdisciplinar em História e Letras na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: geimesraulino@yahoo.com.br

prática docente” (p. 9), em especial, a dos profissionais da língua portuguesa, trazendo a essa nova realidade orientações para o encaminhamento do ensino de gramática, análise linguística e produção textuais, no intuito de dinamizar e tornar mais produtivas as atividades gramaticais e discursivas de uso efetivo da língua(gem), utilizadas na ação docente, sendo conduzidas por reflexões e por princípios de que “a língua é sociointeracionalmente constituída”. (p.10).

O livro, divide-se em duas partes: a primeira apresenta capítulos que procuram discutir o “Encaminhamento teórico do ensino de português”; a segunda evidencia a “Condução do trabalho escolar com a gramática”.

Os textos se moldam a partir de uma concepção sociofuncionalista da linguagem, quanto às práticas de uso da língua em atividades produtivas de língua portuguesa, visando produzir e equilibrar aportes teóricos à reflexão e à análise linguística de professores/as, em sala de aula, no fomento constante ao desenvolvimento das competências linguísticas do alunado.

No capítulo 1, “Linguística funcional centrada no uso e ensino”, Mariangela de Oliveira, pautou-se por uma abordagem construcional da gramática, tendo em vista o desenvolvimento de habilidades específicas para fins de análise, reflexão e desenvolvimento da competência linguística em atividades de usos linguísticos e de produção textual em língua portuguesa no ensino médio. Essa pesquisadora reforça a importância de se desenvolver ainda mais a competência linguística dos estudantes, afirmando, a partir de Oliveira e Wilson (2015) que

[...] a aula de língua portuguesa passa a ter na análise e na produção textuais seu ponto de partida e de chegada, e os aspectos gramaticais são tomados como meios, como recursos através dos quais se chega à análise e à reflexão sobre a língua” (p.18). Para ela, é preciso evidenciar a necessidade de se colocar a língua portuguesa como uma ‘manifestação linguística essencial, na condição de língua materna’. (p. 17).

Neste sentido, corroboramos com a autora, acentuando que no contexto escolar, faz-se crucial uma abordagem da língua portuguesa que vislumbre integrar tanto os aspectos estruturais, concernentes à organização da gramática do português, como também, os níveis sintático, morfológico, fonológico e fonético, sem esquecer dos aspectos funcionais, relacionados aos “propósitos comunicativos, condições de produção, perfil dos interlocutores, entre outros” (p.17).

No capítulo 2, “Funcionalismo clássico aplicado ao ensino”, Milcinele Duarte e Vânia Casseb-Galvão buscam esclarecer como se organizam as relações entre as concepções e os

princípios funcionalistas do ensino de língua portuguesa, como língua materna, num contexto sócio-histórico em que é necessário estimular as práticas docentes, a partir de bases teóricas fundamentadas que resultem na mudança de uma “concepção de língua estática” para uma concepção de língua mais “dinâmica, fluida, construída no uso efetivo, no movimento dos agentes das intenções comunicativas” (p. 35), sobretudo de professores/as.

As autoras, sob a égide da abordagem funcionalista clássica, atestam que as contribuições ao ensino de língua portuguesa devem surgir da aplicação efetiva de metodologias, priorizando uma perspectiva de estudo da língua/linguagem, enviesado pela ótica interacionista e dialógica que resulte numa multiplicidade de aplicações e não apenas numa mera descrição linguística das unidades da língua (orações, frases e expressões), sem que seja considerada a perspectiva funcionalista de análise linguística, no qual a língua é vista como “organismo não autônomo, produto e instrumento de persuasão, de expressão e de simulação” (p. 38).

Sendo, assim, elas enaltecem e enfatizam que, estimulando essa concepção de língua, priorizada pela interação, diálogo, funcionalidade diversidade e encantamento é possível, de fato, fazer com que os alunos se constituam “como sujeito-aprendiz capaz de manejar sua língua com proficiência nas mais diversas situações de interação formal e informal” (p.39).

Gian Luigi De Rosa, no capítulo 3, “Tradução audiovisual aplicada ao ensino de português”, analisa os problemas e as dificuldades do emprego da legendagem no processo de tradução audiovisual no contexto do ensino/aprendizagem de língua portuguesa, numa perspectiva ativa, com “o aluno como tradutor/legendador” , e na receptiva, tendo “o aluno como simples espectador de textos legendados” (p. 60).

De Rosa argumenta que os textos audiovisuais camuflam limitações e obstáculos linguísticos “que poderiam tornar opacos alguns conteúdos também para um destinatário/espectador que possui competência comunicativa na (variedade de) língua do texto fílmico” (p.60). Para ele, em suma, tanto num prisma teórico quanto no prático, as pesquisas com textos audiovisuais evidenciam que utilizar: a legendagem, a dublagem ou o *voiceover* pode trazer aos usuários da língua portuguesa inúmeros benefícios aos conhecimentos linguísticos, tradutórios, semióticos e culturais dos sujeitos.

Por isso, na visão desse pesquisador, faz-se tão desejável o emprego da tradução audiovisual no ensino/aprendizagem numa sala de aula, tendo em vista que o texto audiovisual é diferente do texto tradicional, pois as informações chegam ao destinatário através de dois

canais: áudio e imagem. Logo, o uso da tradução audiovisual, tornou-se indispensável “como ferramenta na metodologia e na prática didática de línguas L2/LE” (p. 74).

No capítulo 4, “Por um ensino produtivo de gramática”, Leosmar Silva oferece-nos uma intensa discussão de como as práticas de ensino de gramática nas escolas da educação básica se configuram atualmente, posto que essas ações e/ou atividades em sala de aula, muitas vezes, concentram-se apenas em atividades classificatórias e em exercícios de metalinguagem, sem levar em conta o texto, o contexto de sua produção e seus propósitos enunciativos sócio-historicamente situados.

Esse pesquisador revela, diante de alguns estudos especializados, de vários autores/as reconhecidos na área do ensino de gramática, como se faz cogente na visão deles “um ensino reflexivo – e produtivo –, ao mesmo tempo em que apontam caminhos metodológicos para desenvolver esse ensino” (p.77). Para isso, ele destaca a necessidade de que os/as professores/as trabalhem produtivamente em sala de aula com exemplos práticos demandados da relação entre os

domínios do conhecimento na produção do humor, a efetivação da leitura crítica por meio da integração entre os gêneros *reportagens e propaganda*, o ato de nomeação e a organização sintática como fenômenos discursivos e subjetivos, sujeitos as pressões contextuais/pragmáticos. (*Grifos do autor*, p.77).

Leosmar Silva, por fim, acentua numa perspectiva do ensino produtivo de gramática que, em pleno século XXI, é urgentemente necessário que os/as professores/as possam refletir mais sobre a língua(gem), sem perder o foco nos aspectos pragmáticos envolvidos na produção da enunciação. Com isso, é possível construir condições teórico-metodológicas capazes de desenvolver efetivamente, tanto as atividades de compreensão leitora, como também de produção de variados textos/discursos.

No penúltimo capítulo, “Por que estudar uma gramática brasileira”, Marcos Bagno nos oferece um engenhoso convite à leitura reflexiva quanto ao ensino de gramática brasileira, propondo que “a função da escola é ensinar aquilo que as pessoas não sabem” (p. 97). A partir dessa reflexão, esse pesquisador esclarece que não há necessidade de se ensinar a gramática do português brasileiro a falantes das variedades menos prestigiadas (rurais ou urbanas), nem seria preciso fazê-lo com usuários mais letrados a construir enunciados como “*aquele rapaz que o pai é deputado ou a janela do meu quarto não bate sol ou aqui não vende esse remédio*” (p. 97).

Nesse diapasão, despertou-nos à atenção o fato de Bagno preferir a terminologia *estudar gramática* ao invés de *ensinar gramática*, justamente por compreender que: “[...] a escola é o lugar onde se deve *ensinar o que a pessoa não sabe*, então – numa conclusão tautológica – não existe razão para ensinar o que ela já sabe” (p. 98). Ele ressalta ainda que o estudo de gramática do PB, bem como a comparação de suas regras, abrem caminho para a construção de um ambiente pedagógico mais democrático.

Por ser um sociolinguista atuante e polêmico, Bagno apresenta uma exaustiva discussão especializada acerca da ausência constante de uma *reflexão sobre a língua*, sobretudo, quanto ao papel da escola e do trabalho dos professores/as com o ensino de gramática, uma vez que o objetivo pedagógico desse ensino reflexivo é a inserção “*do indivíduo na cultura letrada*” (p. 98). Isso significa entender que esse ensino precisa ir além da escrita, atravessado também pelas práticas constantes de leitura de reflexão sobre a língua que conduzam as pessoas a uma conscientização da existência de incontáveis gêneros textuais, sendo estes manifestados por um conjunto de “*normas múltiplas de configuração do discurso, normas e gêneros sincronicamente variáveis e que se transformam diacronicamente*” (p.107).

O autor posiciona-se, enfim, alertando a respeito da necessidade de uma educação linguística que apresente aos “*aprendizes a natureza variável e mutante das línguas humanas*” (p. 104), visto que esse processo educativo precisa ir além das hipercorreções prescritivas da tradição normativa tão corriqueiras no ensino de gramática nas escolas brasileiras. Nesse caso, argumenta que se faz imprescindível uma formação docente, tanto no contexto da formação inicial nas universidades de Letras, quanto no aprimoramento contínuo nas escolas, que prime por uma pedagogia do ensino de português brasileiro (PB), de forma equilibrada e inovadora, tendo em vista o estado sincrônico da língua.

Indo ao encontro com o debate acerca dos problemas de condução das aulas de gramática no contexto brasileiro, no último capítulo, “*Categorias gramaticais em materiais didáticos*”, a professora Moura Neves nos apresenta, por meio de um estudo consistente em materiais didáticos, uma densa verificação de como ocorre a avaliação do tratamento escolar dado à gramática e ao processo de ensino de português, vinculando-os às atividades gramaticais e de análise linguística em tarefas de “*categorização dos itens da língua nos diversos tipos de obras disponíveis à consulta dos estudiosos em geral professores de língua materna*” (p. 124).

A pesquisadora retoma a discussão de outros/as autores/as da obra no que concerne à base da teoria funcionalista da linguagem, reforçando que

[...] a questão da difusão de limites que o sistema da língua abriga e que o uso manifesta pode-se passar a discussões que orientam para um encaminhamento reflexivo de ações visando a um trabalho escolar que não desconsidere o fato de que os itens respondem exatamente as necessidades do uso na linguagem e que, portanto, é nesse uso que sua real caracterização pode ser estabelecida. (p. 124).

Nessa acepção, Moura Neves, evidencia nesse estudo uma instigante verificação de como os/as professores/as, utilizam-se no âmbito escolar, por exemplo, dos livros didáticos na condução de suas aulas de gramática, o conhecimento dos docentes quanto à missão funcional dos vários “elementos tradicionalmente abrigados nas classes gramaticais propostas”, bem como a flexibilidade “natural e sistêmica, para outras definições categoriais, a que eles se submetem no uso” (p. 124).

Não resta dúvida a respeito da relevância acadêmica de *O todo da língua*. Apesar de constituir-se apenas por seis estudos no campo do ensino de português e de gramática, a obra traz proveitosas contribuições e encaminhamentos teóricos/práticos, provenientes da diligência e atenção de pesquisadores/as funcionalistas em relação à constituição e ao funcionamento da língua. Tais pesquisas buscam compreender e preencher as lacunas existentes no ensino de gramática no Brasil, deixando clara a necessidade de uma aprendizagem linguística centrada no uso e no aprimoramento das competências gramaticais dos sujeitos-aprendizes e também dos usuários proficientes da língua materna.

Nesse livro, portanto, encontram-se substanciais orientações teórico-metodológicas indispensáveis ao trabalho professoral no processo de escolarização básica em língua portuguesa, visando promover uma série de letramentos de forma contínua e ininterrupta dos sujeitos-aprendizes da língua, mediados por uma pedagogia de ensino produtivo e reflexivo de gramática. Esse ensino, pautado no uso real da língua, tem como cerne o emprego de atividades variadas de análise linguística, leitura e produção de diversos textos/discursos com matérias didáticas e/ou outros recursos pedagógicos que auxiliem a comunidade escolar nessa função de aprender e ensinar a língua e a gramática do português brasileiro de forma democrática, efetiva e pedagógica.

*Recebido em 10 de agosto de 2017.
Aprovado em 16 de novembro de 2017.*